

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO
PATROCÍNIO
Graduação em Psicologia**

RAFAELA APARECIDA SILVA

**DESAFIOS E CONSEQUÊNCIAS DO PROCESSO DE REVELAÇÃO DA
HOMOAFETIVIDADE FEMININA NO CONTEXTO FAMILIAR**

**PATROCÍNIO - MG
2018**

RAFAELA APARECIDA SILVA

**DESAFIOS E CONSEQUÊNCIAS DO PROCESSO DE REVELAÇÃO DA
HOMOAFETIVIDADE FEMININA NO CONTEXTO FAMILIAR**

Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para a
obtenção do grau de bacharel em Psicologia,
pelo Centro Universitário do Cerrado
Patrocínio – UNICERP.

Orientadora: Profa. Esp. Tereza Helena
Cardoso

**PATROCÍNIO - MG
2018**



Centro Universitário do Cerrado Patrocínio
Curso de Graduação em Psicologia

Trabalho de conclusão de curso intitulado “Desafios e consequências do processo de revelação da homoafetividade feminina no contexto familiar”, de autoria da graduanda Rafaela Aparecida Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Profª. Esp. Tereza Helena Cardoso

Instituição: UNICERP

Avaliador 1 – Profª. Tatiane Coutinho Vieira de Melo

Instituição: UNICERP

Avaliador 2 – Profª. João Paulo de Sousa

Instituição: UNICERP

Data de aprovação: 07/12/2018

Patrocínio, 07 de Dezembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Professora Especialista Tereza Helena Cardoso, a qual sempre tive identificação desde o início do curso. Por confiar em mim apesar dos momentos que o estudo ficou quase que inviável, mas ao final acabamos nos surpreendendo.

Aos meus pais, em especial minha mãe Joana, que desde o início me proporcionou tudo que necessitei, me deu suporte necessário quando em dado momento se tornou inviável conciliar o trabalho e a faculdade simultaneamente.

À minha supervisora Margareth, que com seu dialeto lacaniano, pôde me proporcionar crescimento pessoal e intelectual com seu riquíssimo conhecimento voltado para teoria psicanalítica, me fazendo encantar ainda mais por essa abordagem. Por várias vezes me deu suporte quando necessitei.

Às mulheres participantes deste trabalho que, por sua coragem e vivência me deram a honra de saber um pouco de suas histórias um tanto quanto dolorosas.

A todos os professores e a coordenadora do curso, Vanessa Alvarenga, que foram essenciais para a minha formação.

A minha querida amiga Leticia, que me deu apoio quando fraquejei diante de barreiras que pensei serem impossíveis de ultrapassar.

As minhas amigas, Talita e Francielle por sempre estarem ao meu lado no período da graduação, e quero que permaneçam para sempre em minha vida.

Por fim agradeço aos meus amigos e familiares por terem estado ao meu lado durante a minha trajetória acadêmica, hora me dando força e incentivo para concluir mais uma etapa em minha vida.

“Dialogar é escutar o que o outro tem a dizer, sem ficar pensando o que vou responder em seguida. Dialogar é falar com o coração e com a razão também. É respeitar e ser respeitado.”

CRISTINA CHEN

RESUMO

Introdução: Durante muito tempo a homoafetividade foi considerada pela psicologia e medicina como um desvio comportamental ou patologia, mas atualmente o termo homossexualismo foi inclusive retirado do Código Internacional de Doenças (CID10). No que diz respeito a homoafetividade feminina, grupos ativistas formados por lésbicas somente se solidificaram a partir da década de 80, no entanto não obtiveram a aceitação de familiares, por não estarem de acordo com os valores e desejos de mães e pais. Com as demandas atuais, a maioria dos pais não participam do dia a dia dos filhos, e comumente não estão abertos para possíveis negociações familiares, nem reconhecem a necessidade de dialogar com os filhos, principalmente em assuntos relacionados ao tema sexualidade. Neste sentido, compreender a homoafetividade de algum dos filhos torna-se um processo difícil, seja à curto, médio e longo prazos, pois para tal, é necessário assimilar maneiras mais adequadas na questão do respeito à sexualidade, e na compreensão do que vem a ser o grupo de pessoas denominadas homoafetivas.

Objetivos: O presente estudo teve como objetivo compreender como se dá a revelação da homoafetividade feminina no contexto familiar, verificando se esta revelação acarreta um distanciamento entre pais e filhas, se uma relação familiar dialógica facilitaria esse processo e se esta situação interfere na sexualidade adulta destas filhas mulheres. **Material e método:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo. Foi realizada entrevista semiestruturada com sete participantes do sexo feminino, com orientação sexual homoafetiva no município de Patrocínio-MG. Em seguida, os dados coletados foram analisados individualmente à partir da análise de conteúdo. **Resultados:** Observou-se que a revelação da homoafetividade feminina no contexto familiar em sua maioria, é dolorosa para filhas e pais, provocando expressões de sentimentos de confusão, medo, incerteza, incompreensão e até mesmo não aceitação por parte dos pais. Percebeu-se também que na maioria das famílias, há ausência de diálogo entre pais e filhas, sobretudo à respeito do tema sexualidade. **Conclusão:** Com relação ao tema tratado no presente trabalho, observa-se que inicialmente há uma incompreensão de sentimentos das próprias entrevistadas; quando rompem esta barreira surge outra, que é a revelação e aceitação da família. Conclui-se que é necessário ações de instituições públicas e privadas de saúde mental no sentido de estimular mais diálogos entre pais e filhos, com respeito à sexualidade e afetividade, com vistas à melhor compreensão da homoafetividade em si.

Palavras chave: Família. Orientação Sexual. Homoafetividade.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sexo, idade e estado e estado civil das mulheres.....	21
Tabela 2 – Escolaridade e religião	22

LISTA DE SIGLAS

CID	Código Internacional de Doenças
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MG	Minas Gerais
OMS	Organização Mundial de Saúde
UNICERP	Centro Universitário do Cerrado Patrocínio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo geral	13
2.2 Objetivos específicos	13
3 DESENVOLVIMENTO	14
3.1 INTRODUÇÃO	16
3.2 MATERIAL E MÉTODOS	18
3.2.1 Tipo de pesquisa.....	18
3.2.2 Cenário da pesquisa.....	19
3.2.3 Participantes da pesquisa.....	19
3.2.4 Técnica de coleta de dados.....	20
3.2.5 Procedimento de análise de dados.....	21
3.2.6 Questões éticas	21
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
3.3.1 Dados sociodemográficos Características das entrevistadas.....	22
3.3.2 Confusão perante a descoberta da sexualidade	24
3.3.3 Preconceito por parte de um dos pais e Frustração na questão do filho ideal.....	26
3.3.4 Distanciamento após a revelação por falta de diálogo de ambas partes.....	28
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
3.5 REFERÊNCIAS	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
5 REFERÊNCIAS	36
APÊNDICES	38
ANEXOS	41

1 INTRODUÇÃO

O seguinte estudo pretendeu abarcar a percepção e significação atribuída à forma como filhas mulheres revelam sua sexualidade aos familiares.

Durante muito tempo a homoafetividade foi considerada pela psicologia e medicina como um desvio comportamental ou patologia, sendo objeto de pesquisas desde o século XIX. Recentemente houve um movimento de luta pela despatologização da homossexualidade, que culminou com a retirada do termo homossexualismo do Código Internacional de Doenças (CID10) em 1993, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). No Brasil, essa decisão foi efetivada em 1985 pelo Conselho Federal de Medicina (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO, 2012).

No início do século XX, à partir da psicanálise, deu-se início a um novo olhar psicológico sobre o fenômeno, considerando essa prática homoafetiva como sendo um desvio, no que se diz respeito à sexualidade (FREUD, 1905/1976). Em 1917, o mesmo autor definiu que os homossexuais faziam parte de uma parcela especial quando se falava em seres humanos, um terceiro sexo, com mesmos direitos de igualdade, comparado aos outros dois, ou seja, dentro do arcabouço teórico psicanalítico, a pessoa escolhe o seu objeto de desejo independentemente de qual seja seu sexo de origem. (FREUD, 1905).

[...] Que se destaquem os homossexuais, colocando-os como um grupo à parte do resto da humanidade, como possuidores de características especiais [...]. Ao contrário, a psicanálise considera que a escolha de um objeto, independentemente de seu sexo – que recai igualmente em objetos femininos e masculinos –, tal como ocorre na infância, nos estágios primitivos da sociedade e nos primeiros períodos da história, é a base original da qual, como consequência da restrição num ou noutro sentido, se desenvolvem tanto os tipos normais quanto os invertidos (FREUD, 1905, p. 146).

Em um contexto atual, designou uma nomenclatura fora do dicionário para definir melhor o tema abordado, utilizando o termo *homo*, que significa ‘semelhante’, e acrescentando-lhe a palavra *affectui*, originário do latim, ‘afeiçoado’, cria-se a nomenclatura “homoafetividade”, que juridicamente vem sendo adotada desde então (DIAS, 2004).

No que diz respeito a homoafetividade feminina, Barbosa e Facchini (2005), referem-se que, embora houvessem mulheres participando dos primeiros movimentos homoafetivos no

Brasil na década de 70, as primeiras atividades em grupos formados apenas por lésbicas, somente se solidificaram em 1980, e o termo 'lésbicas' foi inserido ao movimento, à partir de 1993, no VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais.

Nas relações familiares, para que os pais aceitem a homoafetividade de algum dos filhos, é necessário ultrapassar um período que remete às vivências iniciais da maternidade, pois desde a chegada de um bebê, já existe a possibilidade e o temor dos pais que esta criança possa vir a ter uma orientação sexual homoafetiva, o que não condiz com os desejos e expectativas elaboradas por mães e pais nesse período de espera (HAUER, 2015).

Segundo Brandão (2004), a maioria dos pais não estão presentes no dia a dia dos filhos, sendo assim não desenvolvem bem a habilidade de dialogar com os mesmos, ou não estão abertos para possíveis negociações familiares, o que acaba dificultando a comunicação, principalmente no que diz respeito a assuntos relacionados ao tema sexualidade. Já Dias (2000), refere que, se os filhos tiverem estereótipos diferentes não se encaixarão nos padrões implícitos pela sociedade, e serão vistos como imorais ou amorais, diferenciando das origens repassadas a ele pelos familiares, e portanto, adotando comportamentos inadequados e divergentes dos pais.

Temos a famosa carta de Freud, escrita em 1935, a uma mãe americana que solicita seus conselhos sobre seu filho homossexual: A homossexualidade não é, certamente, nenhuma vantagem, mas não é nada de que se tenha de envergonhar; nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual (FREUD, 1979 apud JONES, 2007, p. 739).

À partir de então, indaga-se se as relações de afeto familiar facilitam ou dificultam a revelação da homoafetividade feminina, bem como a determinação da sexualidade do indivíduo. Acredita-se que a reação inicial dos familiares diante da descoberta da homoafetividade feminina seja negativa, mas que, existindo diálogo entre pais e filhas tais consequências negativas possam ser superadas.

O interesse pelo tema e o referencial teórico abarcado, surgiu desta situação vivenciada de forma conturbada, em que formas de repressão, fragilidade de estrutura psicológica, aspectos religiosos, obrigatoriedade de tratamento psicoterápico e tentativas de cura não surtiram efeito e dificultaram as relações familiares posteriores, que se desgastaram a partir da revelação. Ainda foram observado momentos de angústias de ambos os lados e um distanciamento dialógico e físico entre mãe e filha.

Para Santos (2012), é necessário análises mais profundas à respeito do tema sexualidade nas famílias, bem como a compreensão deste grupo de pessoas denominadas homoafetivas, que veem se posicionando de forma cada vez mais propositiva na sociedade, conquistando espaços e lutando pelos mesmos direitos que os heterossexuais.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender como se dá a revelação da homoafetividade feminina no contexto familiar.

2.2 Objetivos específicos

Verificar se a revelação da homoafetividade acarreta um distanciamento inicial entre pais e filhas;

Avaliar se uma relação familiar dialógica prévia, facilita o processo de revelação de orientação homoafetiva das filhas;

Analisar a relação entre revelação da homoafetividade feminina e futura sexualidade das filhas.

3 DESENVOLVIMENTO

O DESAFIOS E CONSEQUÊNCIAS DO PROCESSO DE REVELAÇÃO DA HOMOAFETIVIDADE FEMININA NO CONTEXTO FAMILIAR

RAFAELA APARECIDA SILVA¹
TEREZA HELENA CARDOSO²

RESUMO

Introdução: Durante muito tempo a homoafetividade foi considerada pela psicologia e medicina como um desvio comportamental ou patologia, mas atualmente o termo já foi retirado do código internacional de doenças (CID10). No que diz respeito a homoafetividade feminina, atividades em grupos formados apenas por lésbicas somente se solidificaram na década de 80, e não tiveram aprovação de familiares por não estarem de acordo com os desejos e pensamentos Pré-elaborados das mães e pais. Aceitar a homoafetividade de algum dos filhos trata-se de um processo difícil, que surge à longo prazo. É necessário assimilar melhor a questão do respeito a sexualidade, e compreender o grupo de pessoas denominadas homoafetivas. **Objetivos:** o presente estudo teve como objetivo buscar a compreensão de como se dá a revelação da homoafetividade feminina no contexto familiar, além de verificar se a revelação homoafetiva acarreta um distanciamento entre pais e filhas e se esse processo seria mais fácil de ser feito se houvesse mais diálogo familiar com filhas mulheres. **Material e método:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo. Foi realizada uma entrevista semiestruturada com sete participantes do sexo feminino, com orientação sexual homoafetiva, no município de Patrocínio-MG. Em seguida, os dados coletados foram analisados individualmente à partir da análise de conteúdo. **Resultados:** À partir das entrevistas, observamos que a revelação da homoafetividade feminina no contexto familiar em sua maioria, é dolorosa, trazendo falas que exprimem sentimentos de confusão, medo, incertezas, incompreensão e até mesmo não aceitação por parte dos pais. Percebemos que na maioria das famílias, há falta de diálogo entre pais e filhas a respeito da sexualidade em si. **Conclusão:** Observou-se que primeiro há uma incompreensão de sentimentos das próprias entrevistadas; segundo surge outra dificuldade, que é a revelação e aceitação da família. Conclui-se que são necessárias mais ações de instituições públicas e privadas de saúde mental, no sentido de estimular mais diálogos entre pais e filhos, com respeito à sexualidade e afetividade, com vistas à melhor compreensão da homoafetividade em si.

Palavras chave: homoafetividade; família; orientação sexual.

¹Autora, Graduanda em Psicologia pelo UNICERP.

²Orientadora, Professora ESP. do UNICERP.

ABSTRACT

Introduction: For a long time homoaffectivity was considered by psychology and medicine as a behavioral deviation or pathology, the term has now been removed from the International Code of Diseases (ICD10). Regarding female homoaffectivity, activities in groups formed only by lesbians only solidified in 1980, and did not have approval of relatives for not being in agreement with the desires and thoughts elaborated by mothers and fathers. Most parents are not present in their children's daily lives, or are not open to possible family negotiations, and thus do not develop well the ability to dialogue with their children, especially in issues related to the topic sexuality. Accepting the homoaffective relation of one of the children is a difficult process that arises in the long run. It is necessary to better assimilate the issue of respect for sexuality, and understand the group of people called homoaffectives. **Objectives:** The goal of this study was to understand how homoaffective relation is revealed in the family context, as well as to verify if the homoaffective revelation causes a separation between parents and daughters and if this process would be easier to do if there were more family dialogue with female daughters. **Material and method:** This is a qualitative, descriptive and field research. A semi-structured interview was conducted with seven female participants, with homoaffective sexual orientation in the municipality of Patrocínio-MG. Then, the collected data were analyzed individually from the content analysis. **Results:** From the interviews, we find that the revelation of female homoaffectivity in the majority of the family context is painful, bringing speeches that express feelings of confusion, fear, uncertainty, incomprehension and even non-acceptance by the parents. We realize that in most families there is a lack of dialogue between parents regarding the sexuality itself. **Conclusion:** It was noticed that initially there is a misunderstanding on the part of the interviewees themselves about what their feelings are; and when there is the breaking of this barrier, another is created, which is the revelation to the family, and the acceptance of this, when the revelation happens. In this way, it is partially understood that it is necessary for parents and other institutions to have more dialogues, information about sexuality and the affectivity itself, so that children who are confused may have a base to look for to understand each other better.

Keywords: Homoaffectivity; Family; Sexual orientation.

3.1 INTRODUÇÃO

O seguinte estudo pretendeu abarcar a percepção e significação atribuída à forma como as filhas mulheres revelam sua sexualidade aos familiares.

Durante muito tempo a homoafetividade foi considerada pela psicologia e medicina como um desvio comportamental ou patologia, sendo objeto de pesquisas desde o século XIX. Recentemente houve um movimento de luta pela *despatologização* da homossexualidade, que culminou com a retirada do termo do Código Internacional de Doenças (CID10) em 1993, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). No Brasil, essa decisão foi efetivada em 1985 pelo Conselho Federal de Medicina (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO, 2012).

No contexto atual, foi designada uma nomenclatura ainda excluída do dicionário para definir o tema abordado, utilizando a o termo *homo*, que significa ‘semelhante’, e acrescentando-lhe a palavra *affetcu*, originário do latim, ‘afeiçoado’, cria-se a nomenclatura “homoafetividade”, que juridicamente vem sendo adotada desde então (DIAS, 2004).

No que diz respeito a homoafetividade feminina, Barbosa e Facchini (2004), referem-se que, embora houvessem mulheres participando dos primeiros movimentos homoafetivos no Brasil na década de 70, as primeiras atividades em grupos formadas apenas por lésbicas somente se solidificaram em 1980, e o termo ‘lésbicas’ foi inserido ao movimento, à partir de 1993, no VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais.

Na esfera das relações familiares, para que os pais aceitem a homoafetividade de algum dos filhos, é necessário ultrapassar um período conflituoso, que remete às vivências iniciais da maternidade, pois desde a notícia de chegada de um bebê, surgem temores que a criança possa vir com orientação sexual homoafetiva, o que não condiz com os desejos e expectativas paternas (HAUER, 2015).

Segundo o autor Brandão (2004), a maioria dos pais não estão presentes no dia a dia dos filhos, sendo assim não desenvolvem bem a habilidade de dialogar com os mesmos, ou não estão abertos para possíveis negociações familiares, o que acaba dificultando a comunicação, principalmente no que diz respeito a assuntos relacionados ao tema sexualidade.

Já Santos (2012), reafirma que é necessário assimilar melhor a questão do respeito a sexualidade, compreendendo o grupo de pessoas denominadas homoafetivas, que vêm se

posicionando cada vez mais de maneira positiva na sociedade, ganhando espaços e lutando por direitos semelhantes aos heterossexuais.

À partir de então, indaga-se se as relações de afeto familiar facilitam ou dificultam a revelação da homoafetividade feminina, bem como a determinação da sexualidade do indivíduo. Acredita-se que a reação inicial dos familiares diante da descoberta da homoafetividade feminina seja negativa, mas que, existindo diálogo entre pais e filhas tais consequências negativas possam ser superadas.

3.2 MATERIAL E MÉTODOS

3.2.1 Tipo de pesquisa

O presente trabalho trata-se de um estudo de abordagem qualitativa-descritiva e de campo. Neste tipo de trabalho é imprescindível a apresentação dos padrões metodológicos da pesquisa de maneira clara e objetiva, sendo desenvolvido de forma lógica e obedecendo procedimentos formais como a coleta de dados, que logo mais serão transformadas em informações pertinentes que responderão a problemática proposta, conforme Marconi e Lakatos (2003).

A linha de pesquisa qualitativa trata-se de um estudo exploratório, com intuito de descrever o fenômeno, com olhar teórico e empírico, obtendo-se descrições qualitativas e quantitativas, sendo que em ambas as situações deve-se ater às informações baseadas na observação detalhada. (MARKONI, LAKATOS 2003).

Para Gil (2008), numa pesquisa denominada qualitativa, é utilizado uma entrevista que contemple o estudo exploratório, com a finalidade de compreender melhor o problema, e produzir uma hipótese, investigando a fundo o problema. E ainda segundo este mesmo autor, a pesquisa descritiva tem como função a descrição de variáveis que ligam as características da população ou de um fenômeno.

Por fim, segundo Marconi E Lakatos (2003), a pesquisa de campo é empregada com finalidade de coletar informações ou conhecimentos que abordam determinado problema no qual se faz necessário uma resposta, que alguém queira que seja comprovada ou até mesmo descobrir os fenômenos que permeiam essas relações entre si. Neste contexto, a observação atenciosa dos fatos ou fenômenos que ocorrem de forma espontânea, são variáveis relevantes da etapa de análise dos dados.

3.2.2 Cenário da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Patrocínio, cidade de médio porte do Estado de Minas Gerais, localizada na região do Alto Paranaíba, que segundo dados do IBGE tem uma população média de habitantes de 82.471, no último censo de 2010, porém a população estimada no ano de 2017 de 89.983; sendo 41.939 homens e 40.532 mulheres. Desses, 27.496 vivem relações estáveis, sendo diminuídos em média por 57 divórcios/ano, o que corresponde a - 28,57% em relação a quantidade de casamentos realizados no ano. As entrevistas foram previamente agendadas e efetuadas na faculdade UNICERP e no Centro de Saúde UNICERP, um espaço integrado de apoio e realização de aulas práticas, estágios e atendimento à comunidade.

O Centro Universitário do Cerrado Patrocínio – UNICERP, segundo informações obtidas no site da instituição possui mais de 40 anos de história, e oferece cursos de graduação e pós graduação. Dentre os cursos de graduação estão, Administração, Agronegócio, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Cafeicultura, Ciências Biológicas, Ciência Contábeis, Design de Interiores, Direito, Educação física, Enfermagem, Engenharia Civil, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina Veterinária, Nutrição, Pedagogia, Psicologia e Sistema de Informação. E cursos de pós-graduação: Direito Processual Civil, Gestão Empresarial, Inspeção, Supervisão e Orientação Educacional e Pós-Graduação EAD Mackenzie/Unicerp.

3.2.3 Participantes da pesquisa

A coleta de dados foi realizada com sete (7) mulheres que já se autodeclararam homoafetivas, maiores de 18 anos e residentes em Patrocínio. Tais mulheres foram aleatoriamente escolhidas através da rede de contatos virtuais da pesquisadora, mas que não fazem parte de seu ciclo social, profissional ou afetivo, obedecendo critérios éticos e que se encaixem com o tema abordado, sem distinção de raça, classe social ou quaisquer outra. Entre as interlocutoras, predominaram as que tem um relacionamento fixo com uma parceira, e duas solteiras. À partir de então a pesquisadora abordou cada sujeito individualmente, explicando os objetivos da pesquisa, e diante do interesse de participação, foi marcado o data e horário para realização da entrevista.

Gil (2008), cita ser de suma importância o contato prévio antes da entrevista, garantindo que os participantes da pesquisa estejam disponíveis, obtenham um número satisfatório para a coleta de informações, tudo isso mediante a autorização prévia do entrevistado.

3.2.4 Técnica de coleta de dados

Inicialmente foi feito contato individual com vinte e duas (22) mulheres, por meio de telefonema e/ou pessoalmente. Deste universo sete (07) mulheres se prontificaram de imediato a participar da pesquisa. Cite-se que dentre as alegações de quinze (15) mulheres que não aceitaram participar, estavam fatores como: não terem ainda conversado com os familiares sobre a sua sexualidade, desconforto ao falar sobre sua própria orientação sexual, angustias revividas, ou total afastamento dos familiares após a revelação da homoafetividade.

Dentre as sete mulheres que aceitaram fazer parte da pesquisa, cinco compareceram ao Centro de Saúde UNICERP, e duas participaram da pesquisa na faculdade UNICERP em espaços privados. Os locais e horários foram previamente agendados de acordo com a disponibilidade de cada uma das entrevistadas. Após agendamento foi aplicada a entrevista semiestruturada (APENDICE A) elaborada pelas pesquisadoras, com finalidade de permitir que as mulheres pudessem expressar suas percepções ao compartilhar sua homoafetividade com seus familiares. Foram também neste momento, expostos os objetivos da pesquisa, seguida de uma leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APENDICE B), que foi aprovado mediante assinatura de cada entrevistada. Todas as falas foram gravadas em áudio com a autorização das entrevistadas, com a finalidade de transcrição completa dos dados.

Trivínos (2008), refere que deve-se questionar se a entrevista poderá ser gravada para melhor análise dos resultados e espontaneidade que serão obtidos com ajuda desse instrumento, e que a mesma deverá ser transcrita e analisadas antes que se efetue nova entrevista, criando hipóteses mais pertinentes e precisas no que se refere ao presente estudo.

Acredita-se que o tipo de entrevista mais adequado para se usar em uma pesquisa de natureza qualitativa é a semiestruturada, com intuito de obter resultados uniformes entre os participantes e que permita uma comparação entre as estatísticas, não contendo questões rígidas, não impondo uma ordem, aproximando de estruturas com respostas mais livres. (TRIVINÓS, 2008).

3.2.5 Procedimento de análise de dados

Após realização das entrevistas, as falas foram transcritas integralmente e analisadas exaustivamente procurando interpretar e compreender os dados relacionados aos objetivos propostos na pesquisa e de acordo com referencial teórico. ou seja, a análise dos dados objetiva organizar os resultados, de acordo com o problema inicialmente apresentado, e categorizá-los com foco no objetivo proposto.

A análise de conteúdo permite observar, através de técnicas de pesquisa, as atitudes dos participantes bem como transcrever as falas, interligando-as ao contexto, e deduzindo algumas respostas coletadas. O método de análise de conteúdo visa a explicação das incertezas trazidas pelas hipóteses. (CAVALCANTE, 2014).

3.2.6 Questões éticas

Este projeto de pesquisa está de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, a qual estabelece as diretrizes para a pesquisa envolvendo seres humanos. O mesmo foi submetido a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP (COEP/UNICERP) e a coleta de dados somente foi realizada após aprovação do COEP/UNICERP (ANEXO A) e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa em questão contou com participantes que responderam individualmente a uma entrevista semiestruturada que foram gravadas em forma de áudio, transcritas na íntegra via computador e relidas exaustivamente, até se chegar ao presente resultado exposto, que buscou compreender os desafios e dificuldades encontrados pelas mulheres ao mencionarem sobre sua vivência afetiva no contexto familiar, bem como elucidar como se deu a construção E significado da homoafetividade para com suas respectivas famílias.

A análise sistemática das respostas e dados sociodemográficos deu margem para classificá-las em categorias de acordo com o objetivo do trabalho. As categorias foram definidas

como: Confusão perante a descoberta da sexualidade; Preconceito por parte de um dos pais; Frustração na questão do filho ideal e Distanciamento após a revelação por falta de diálogo de ambas partes. Para garantir o sigilo da identidade das participantes, atribuiu-se nomes de flores, que serão apresentados nos tópicos a seguir.

3.3.1 Dados sociodemográficos

Participaram do estudo sete mulheres que se autodeclararam com orientação sexual homoafetiva. A tabela 1 abaixo demonstra dados referentes ao gênero, faixa etária e estado civil:

Tabela 1 – Sexo, idade e estado civil das mulheres

Participantes	Sexo	Idade	Idade que surgiu a homoafetividade	Estado Civil
Lírio	Feminino	22 anos	10 anos	Solteira
Gardênia	Feminino	29 anos	7 anos	Solteira
Margarida	Feminino	32 anos	10 anos	Solteira
Rosa	Feminino	22 anos	7 anos	Solteira
Girassol	Feminino	21 anos	8 anos	Solteira
Camélia	Feminino	22 anos	14 anos	Solteira
Tulipa	Feminino	26 anos	9 anos	Solteira

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme apresentado na TAB 1, percebe-se que todas as entrevistadas se definem como solteiras, embora 5 (cinco) tenham declarado estarem em um relacionamento afetivo fixo, e 2 (duas) solteiras de fato. A idade das entrevistadas variou entre 21 e 32 anos. Por fim as entrevistadas referem que a idade desta descoberta surgiu entre 7 e 14 anos, portanto na infância e início da adolescência.

Na teoria psicanalítica, FREUD (1905), refere que existem pulsões sexuais, representações psíquicas internas, que direcionam a criança para ela escolha determinado objeto de desejo, sendo que a expressão “escolha do objeto” não tem um significado necessariamente sexual, mas de algo que remete a objetos que proporcionem situações prazerosas. Também

afirma que o objeto de desejo está presente desde os momentos iniciais da vida, com isso inicialmente a satisfação sexual se apoia na conservação da própria vida, e as escolhas do objeto de desejo tendem a se tornar modelos para as suas relações de afeto na vida adulta.

No vocabulário de psicanálise, Laplanche & Pontalis (1967) apontam que o termo “escolha” não deve ser considerado no sentido racional e/ou consciente da palavra, é mais uma opção inconsciente acerca da escolha do objeto de amor.

Tabela 2 – Escolaridade e religião

Participantes	Escolaridade	Religião
Lírio	Superior incompleto	-
Gardênia	Ensino médio	católica
Margarida	Superior incompleto	espírita
Rosa	Superior incompleto	espírita
Girassol	Superior incompleto	católica
Camélia	Superior incompleto	católica
Tulipa	Superior completo	católica

Fonte: Dados da pesquisa

Considerando que a sexualidade faz parte da construção histórico social de cada indivíduo, abrangendo temas de âmbito biológico, psicológico, familiar, escolar e religioso, a escola é uma das instituições onde se ensina a base sobre o que se trata a sexualidade, e as condutas que são aceitas ou não em analogia ao sexo, dentro de uma sociedade. (LOURO, 2000). Neste sentido, Maia (2004), afirma que há necessidade de instituir estudos que deem suporte para implementação de instruções sexuais adequadas para professores, crianças e adolescentes.

Revelar esse desejo conforme se desenvolvem e constroem a própria identidade é uma herança moderna, como nos mostra Foucault (1988): o indivíduo que se posiciona, e detém o conhecimento acerca do que define sua subjetividade, defende o seu próprio discurso e se impõe diante sua liberdade futura, lutando por uma sociedade que proporcione mais justiça

Reconhecendo a existência de um tabu entre religião e homoafetividade, observa-se que 4 (quatro) participantes se dizem católicas, 2 (duas) espíritas, e 1 (uma) não segue nenhuma doutrina. Segundo Macedo (2007), ao longo da história, a religião sempre foi determinante sobre o conceito de sexualidade, impondo regras e orientando indivíduos no campo sexual;

portanto impossível negar o fato que as religiões ditam padrões de comportamento sexual dentro da sociedade.

Um fenômeno mostrado pelos autores Duarte & Carvalho (2005), demonstra que as pessoas estão cada vez mais a procura de uma religião que se adapte melhor a sua maneira de se portar, e não aceitam ser moldados por regras rigorosas pregadas em algumas religiões. Nessa vertente, os mesmos autores ainda mostram o que pode ocorrer dentro de uma doutrina quanto a questão da homoafetividade, são submetidos a tratamentos e até mesmo a promessa de cura da homoafetividade.

3.3.2 Confusão perante a descoberta da sexualidade

Entende-se que orientação sexual homoafetiva é para onde o desejo sexual está direcionado, havendo opções em que a identidade sexual está concentrada em uma pessoa do sexo oposto, ou do mesmo sexo ou em ambos sexos (Madureira & Branco, 2007).

Sobre a definição de homoafetividade as participantes responderam de forma unânime:

Homoafetividade? Eu entendo é que a pessoa se relaciona com o mesmo sexo porque ela se sente bem, porque ela gosta. Eu sou homoafetiva. (Lírio)

Bom, eu acho que envolve amor, respeito e companheirismo independente do sexo, eu acho que você não escolhe, vamos dizer que eu não escolhi ser uma pessoa homoafetiva (Gardênia)

Casal do mesmo sexo que vive junto, que se relacionam. (Margarida)

Pra mim é uma coisa normal, e pra sociedade não. É assim, não é uma questão de escolha igual tem muitos que falam. (Rosa)

Nossa! Você sabe que eu nunca pensei sobre isso... há é minha identidade como pessoa. (Girassol)

É a pessoa se relacionar com outra pessoa do mesmo sexo, e em alguns casos, se identificar como o sexo oposto. (Camélia)

Pra mim a homoafetividade é um rótulo imposto pela sociedade, que vai classificar as pessoas. É a relação entre duas pessoas é algo que não é a opção, é uma atração, espiritual e carnal, e relacionam entre si. (Tulipa)

Segundo Levinsky (1995), a adolescência é uma fase natural do desenvolvimento dos seres humanos, que consiste na passagem da infância a vida adulta, baseando-se nas questões pessoais, subjetivas e familiares. A adolescência é permeada de ações psicossociais, e em

conjunto aparecem mudanças corporais vinculadas à puberdade, e também ao desenvolvimento cognitivo.

Complementando, Carter (2012) afirma que nesse período o jovem indivíduo pode experimentar sentimentos conflitantes, indefinições, inseguranças e crises que variam conforme suas próprias características de personalidade, assim como o meio social, familiar e cultural onde está inserido.

Quando as participantes foram questionadas sobre os sentimentos experienciados diante da descoberta da homoafetividade em suas vidas, percebe-se sentimento de medo e um conflito interno entre crenças, valores e desejo:

Que eu estava ficando louca! No primeiro instante foi! Porque a criação que a gente tem desde pequena falavam que era errado, que não sei o que é que tem, mas aí com o tempo eu fui vendo que é normal ao longo desses anos. (Lírio)

Acho que confusão, tipo... sou diferente... é... porque que acontece comigo... é porque que eu não sou igual as outras pessoas, e uma meio que... é, como eu te falo... um afastamento tipo assim, do resto das pessoas por eu achar diferente, então eu tive um pouco de problema com aceitação mesmo [...] você tem que aceitar pra si mesmo, porque tipo assim, as vezes você até força uma não homoafetividade, força uma hétero, coisas que a sociedade manda, e aí acaba que você não consegue, porque... é mais forte do que você... do que você tenta achar que é correto. (Gardênia)

No início foi estranho porque, eu ficava assim: -eu tô sentindo algo pela minha amiguinha, e ela gosta de homem! E eu fiquei meio assim: -mas porque que eu não gosto também? E foi estranho, isso é estranho. [...] No início eu ficava assim: "porque, porque meu Deus"... Porque seria tão fácil ir pra um caminho homem e mulher, hétero né, bem mais fácil. Se eu pudesse escolher, eu falava isso por antes, se eu pudesse escolher antes, eu preferia mil vezes ficar com homem. Mas hoje não... hoje eu já tenho mais essa visão." (Margarida)

Foi estranho, e totalmente diferente. Pra mim eu achava que aquilo era normal..., mas pra mim eu achava que minha família nunca iria me aceitar. Porque minha família tinha muito preconceito. (Rosa)

Pra mim sempre foi muito natural... então eu não descobri eu sempre fui, pra mim sempre foi natural. Tipo assim, eu achei que era uma coisa errada quando eu sentei com a minha mãe para conversar, mas antes disso pra mim sempre foi natural, então tipo, não teve uma descoberta pra mim. (Girassol)

Eu acho que de primeiro momento foi de dúvida. Porquê...assim, eu sempre vivi em um meio em que isso era errado, então eu fiquei com sentimento de dúvida, [...] tem muito esse sentimento de medo. (Camélia)

O primeiro é o medo de Deus. Porque quando a gente se descobre, a gente tem medo de Deus, porque eu pensava que estava fazendo o errado, porque a igreja classifica a relação entre homem e mulher, não entre homem e homem, ou

mulher e mulher. Então meu principal sentimento foi o de medo, de Deus, dos vizinhos, dos amigos, dos pais. (Tulipa)

A adolescência é um momento permeado de sensações dolorosas e ambíguas, transitando entre desejo e dificuldade em correlacionar atritos familiares e meio social. Comumente, quando os filhos começam a apresentar curiosidade e interesse sexual, surge um certo desconforto nos familiares que não sabem lidar com o fato, sendo comum confundirem este momento como o surgimento de alguma espécie de patologia. (PRETO, 1995).

Diante das circunstâncias que os adultos homoafetivos tem dificuldade em afirmar sua auto aceitação estão vinculadas, segundo Costa (1994), há várias exposições ao preconceito durante a vida, que podem inibir o sujeito a expressar sua verdadeira forma de agir perante a sociedade em que lhe cerceia. Isto acaba por gerar baixa autoestima, culpa, vergonha, até constroem relacionamentos heterossexuais para manter um padrão aceitável.

3.3.3 Preconceito e frustração dos pais na questão do filho ideal.

Existe uma minoria de pessoas homoafetivas, se comparado a grupos também minoritários como mulheres e negros, o que é agravado quando se remete à preconceito. De um lado, tem-se mulheres e negros com uma base familiar estruturada, do outro lado depara-se com homoafetivos que sofrem preconceito e discriminação por parte dos próprios familiares, não encontrando suporte e apoio perante às várias agressões a que possa ser vítima (MOTT, 2004).

Na presente pesquisa os dados levantados confirmam a existência de preconceito implícito por pelo menos um dos progenitores:

No primeiro instante minha mãe chorou muito, [...] depois que aconteceu, que eles perceberam que era real, meu pai surtou, e surta até hoje. Ele me ofende muito por palavras, ele nunca levantou a mão pra mim, mas me ofende muito com palavra, se fosse pra escolher eu preferiria que ele me desse uma surra do que falar o que ele fala pra mim. Ele fala umas coisas com o tom mais baixo possível, ele já chegou a me xingar de cachorra, ele levantou a mão pra mim. (Lírio)

Então... foi muito 'pedreira'... porque assim... minha mãe não aceitava de forma nenhuma, até porque já tinha outros casos na família de outros parentes e tal, [...] Meu pai por ser uma pessoa assim... muito fechada, eles queriam me obrigar a contar pra ele, e tipo, teve todo aquele negócio que: "há, tem que apanhar, porque isso não é certo". Então foi bem difícil, a parte de falar pra mãe que... e a aceitação dela também foi bem difícil. e até hoje eles fazem

vista grossa...não é que eles não aceitam, eles não falam sobre... todo mundo finge que não acontece. (Gardênia)

Pelo menos na parte da minha mãe não foi aceitável, meu pai já foi tranquilo, meu pai sempre me apoiou em tudo. Na época eu e minha mãe não tinha um relacionamento próximo pra falar sobre isso, a minha mãe só brigava,[...] E eu tive que sair de casa pra ficar com essa pessoa... passei muita dificuldade, e acho que... se tivesse essa tolerância dela comigo eu não teria passado por muita coisa, eu não teria saído de casa... não teria passado dificuldade. (Margarida)

Eu contei para o meu pai, e ele disse: ó, senta e conversa com a sua mãe. Eu sentei e conversei com ela, e ela: -não criei filha pra isso, e que eu quero te ver ter filhos, eu quero te ver casada, eu quero ver você construir sua vida... e foi isso. (Girassol)

Então, meu pai, ele sempre foi de conversar mais comigo, minha mãe sempre mais fechada. Não é que ele aceitou de primeiro momento, ele ficou... há, eu entendo que foi difícil para eles, mas a reação dele foi melhor que da minha mãe. Ele foi mais tranquilo. (Camélia)

Quando eu contei, eu tive uma reação muito negativa por parte da minha mãe, ela entrou em depressão, tomou muito remédio... Pro meu pai foi um baque também, uma surpresa, mas por falta talvez de proximidade ele até que aceitou bem... da boca pra fora. (Tulipa)

De acordo com Borrillo (2010), a percepção menos ruim que pode ser desencadeada pelo pai a respeito da homoafetividade, é nomeada homofobia liberal, que acontece quando a homoafetividade não é tida como legítima, mas é tolerada quando esse filho não demonstre trejeitos que não condizem com o seu sexo biológico dentro de casa com esse pai.

Phaneuf (2005), mostra que uma escuta em que aja reciprocidade, pode ser uma artimanha facilitadora com grande possibilidade em obter êxito, em uma conversa que os participantes têm sua própria personalidade e necessidade em ser compreendido. Observa-se que algumas participantes se referem que um agente dificultador é a forma como os pais souberam da subjetividade sexual das mesmas, que não foi a mais adequada, pois a maior parte dos pais souberam por terceiros; não ouviram das próprias filhas sobre a sua subjetividade sexual.

Eu me senti pressionada por uma amiga, ela queria que eu ficasse com um rapaz e eu falei que não ia ficar e ela meio que foi lá, e era muito próxima da gente, e contou pra minha mãe. [nem foi você que contou?] Não, não foi eu que contei, e aí minha mãe veio né... com aquela história que era errado, me levou pra fazer tratamento psicológico, que eu era doente, que isso não era normal, e... aí começou toda aquela repressão dentro de casa, todo mundo falando que era errado, fazendo tortura psicológica[...].E teve a questão que ela adoeceu e tal... e aí eles jogaram a culpa da doença dela que foi... aí ela adoeceu e veio a falecer... e aí juntou meu pai e meu irmão falando que tipo

assim, a doença dela tinha sido desencadeada devido eu ter assumido a homossexualidade. E aí me colocaram pra fora de casa, né... com 16 anos isso aconteceu tudo, eu tive que sair de casa, e... tipo, seguir sozinha, eu não tive apoio deles. (Gardênia)

Então, na verdade nem foi eu que cheguei a falar, foi... minha mãe mexendo das minhas coisas e viu uma carta, e foi bem conturbado. (Margarida)

Eu falei assim: -Ó pai, num sei se você sabe, mas eu acho que você sabe porque pai não é bobo! (risos) mas eu me relaciono com mulheres, eu fico com mulher. Aí ele: tá. [...] Aí pra minha mãe já foi mais 'punk'... (Girassol)

Então, eu não falei! Descobriram! Tem... pouco tempo. Deve ter um ano. Eu namorava. E a mãe dela (da namorada) descobriu, porque ela também não era assumida. E ela descobriu, e ela foi lá em casa aprontar um barraco. Aí contou para minha mãe, aí enfim eu não tive a chance de chegar e falar: -olha mãe, eu passo por essa situação, eu sou assim. Eu não tive esse privilégio. É, descobriram e foi assim sabe. (Camélia)

Para os pais, pode haver uma morte do filho idealizado a qualquer momento da vida à partir do nascimento. Freud (1969), aponta que a frustração de uma mãe na busca da imagem do filho idealizado gera um ônus de energia psíquica para a mãe e conseqüentemente para o filho. apesar de não ser demonstrado explicitamente para o filho, o que é sentido é negativo e decepcionante, pois constata-se que o filho não é tão encantador quanto os pais ansiavam que fosse.

O principal vínculo entre pais e filhos de acordo com Bayle (2005), está relacionado com os desejos e fantasias provindas desde a geração do feto, recaindo sobre esse filho, ser a criança idealizada exatamente como os pais o desenharam para se encaixar no seio familiar. O que gera grande angústia e decepção, abrindo um espaço de fantasia e desilusão do filho sonhado.

3.3.4 Distanciamento após a revelação por falta de diálogo de ambas partes.

Cada família aborda o tema de acordo com suas peculiaridades, e segundo seus valores e princípios, por sua ótica, sempre visando o melhor, quando se trata em cuidar dos filhos. Neste contexto, algumas decisões não agradam aos filhos e tendem a gerar atritos, causando situações desafiadoras entre filhos e pais. A presença desses conflitos pode gerar situações de caos no núcleo familiar; assim os pais delegam a terceiros a função de obtenção das habilidades necessárias para um desenvolvimento sexual ideal da criança ou adolescente. Porém, nem

sempre as pessoas incumbidas desta ação estão cem por cento aptas ou são confiáveis, tornando o aprendizado da sexualidade como algo passível de falhas (MORGAN, THORNE E ZURBRIGGEN, 2010).

Diante do questionamento acerca das consequências da revelação da orientação sexual aos pais, com relação ao distanciamento entre ambos, obteve-se as respostas:

Entre eu e minha mãe não. Mas entre meu pai e eu, sim, a gente já não tinha um ligamento muito forte, porque eu e ele somos muito diferentes. A gente tem a visão de mundo completamente opostas. mas depois que eu contei, eu e ele afastou bastante. Bastante mesmo. (Lírio)

Teve sim! Entre eu e minha mãe gerou muita briga, porque, ela... falou muita coisa tipo: "há, eu tenho vergonha de você", "eu tenho vergonha de as vezes eu sair na rua e as pessoas perguntarem"... E isso causou um afastamento entre eu e ela, a gente era muito próxima, muito ligadas, acabou que... a gente passou um bom tempo assim sem comunicar mesmo, sem conversar direito, e ela insistia que eu fizesse tratamento, que eu tinha problemas, que eu não era bem da cabeça, aí depois quando ela adoeceu, que foi quando a gente teve que ir pra fora da cidade pra ela fazer tratamento, que foi que a gente começou a se aproximar de novo. Mas aí ela teve pouco tempo também, e não teve nem aquele prazo de conversar mesmo. (Gardênia)

Assim... eu já não tinha tanto uma aproximação. Acho que pra mim continuou do mesmo jeito. Só que eu senti da parte deles um pouco de preconceito. (Margarida)

Não. Teve no início. Mas depois que eu parei de falar sobre foi meio que voltando ao normal. (Girassol)

Minha mãe ficou sem conversar comigo por um punhado de tempo! Ela deve ter ficado sem conversar comigo por uns dois meses. Agora meu pai não, meu pai sempre foi muito de conversar comigo. (Camélia)

Em parte, sim, porque sempre acontece esse afastamento. Mas principalmente da minha parte, com vergonha da família. E acaba que não é tão fácil, permanecer perto, mas com o tempo isso muda, com o tempo a gente consegue impor o nosso respeito. (Tulipa)

As falas acima respondem a um dos objetivos específicos da pesquisa, que era justamente verificar se a revelação da homoafetividade acarretava um distanciamento entre familiares e filhas, onde foi constatado um afastamento parcial ou total.

De acordo com Freud (1974), o mecanismo de identificação exerce um importante papel no processo da formação social, na civilização e na cultura, que Freud não deixa que andem separados. Com a forma de identificação dos progenitores, dá-se início a “sublimação dos impulsos sexuais”; isso permite que o sujeito dê início ao sentimento social, e se identifique com um parceiro.

Morgado, Andrade, Santos e Narezi, (2014), referem que há muito autoritarismo por parte dos pais, que se reveste de exigência, cerceando os filhos perante atitudes impostas pela sociedade. Portanto, o diálogo entre pais e filhos não acontece de forma harmoniosa, priorizando sobretudo relações de afeto, através do respeito e cuidado.

Com relação às possibilidades de restabelecimento de um diálogo, após este distanciamento inicial, cita-se as seguintes respostas:

Não. E nem pretendo fazer sinceramente. (Lírio)

Olha, eu acho que os pais... no meu caso, igual minha mãe, ela era uma pessoa, vamos dizer mais leiga, eu acho que falta informação, eu acho que falta orientação, acho que falta falar mais sobre o assunto, colocar o assunto mais em evidência, esclarecer certas questões que é o que gera o preconceito. Eu acho que falta postura de muita gente, que é o que diz respeito a nossa classe. (Gardênia)

Acho que a conversa, se tivesse um diálogo, se a sociedade não impusesse que isso é tão errado. Eu acho que os pais... ainda mais antes, na minha época, eles eram muito fechados. Hoje em dia... hoje em dia está mais fácil de conversar, mas antes tinha essa barreira, era muito difícil! (Margarida)

Não tenho o porquê de fazer algo pra mim não afastar... eu sempre assim, participo de tudo da família, mas eu prefiro ficar no meu canto. E questão de conversa com minha família, eu evito conversar o máximo possível sobre esse assunto. (Rosa)

Há! Talvez. Acho que se eu tivesse sentado... Porque eu sou assim, eu também me afasto, eu tenho o gênio muito parecido com o da minha mãe, então sempre que tem algum problema assim com ela eu me afasto. Às vezes eu chegando nela pra conversar, tentar entender, falar pra ela que eu, que eu realmente senti, que eu entendi o lado dela as vezes tinha ajudado né. Mas eu não fiz. (Camélia)

Nesse contexto, seria necessário que o diálogo fosse visto como meio de suporte interativo e empático, fazendo com que as pessoas se vissem no lugar da outra, e percebesse o benefício relacionado a todo tipo de assunto a ser tratado com os familiares seja ela de qualquer natureza.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homoafetividade não diz respeito apenas ao que compõe a escolha de feminino e/ou masculino. A sexualidade trata-se de um dispositivo histórico que corresponde a uma auto-reprodução da singularidade que cada indivíduo carrega. Tratar desse tema voltado para pais e filhas, tem como objetivo, observar o quão grande é o preconceito dentro do próprio seio familiar, quando algum membro toma frente e tenta dar voz ao seu desejo: algo inesperado para os pais que não querem tornar visível o que existe em seu interior. Também ficou demonstradas as dificuldades encontradas no diálogo com pessoas da própria família, que não encontraram o amparo necessário em um momento de conflito. Uma vez que sua demanda deve seguir as regras propostas pela sociedade.

Conclui-se que é fundamental um trabalho ampliado envolvendo profissionais de várias áreas, incluindo atendimento psicológico, para que todos tenham discernimento, conhecimento e ética em se tratando de cuidar de familiares e mulheres homoafetivas. A informação é sempre grande aliada quando se trata do desconhecido, e observou-se, que para muitos pais, a questão da homoafetividade é um tabu, e por isso é tratado de forma rígida e preconceituosa. Para pessoas que não tem o devido reconhecimento apenas por ter uma orientação sexual que foge a regras impostas pela sociedade, cabe lutar pelos seus direitos, e igualdade para que sejam garantidos e reconhecidos.

3.5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. M.; FACCHINI, R. Rede Feminista de Saúde. **O dossiê saúde das mulheres lésbicas: promoção da equidade e da integralidade.** 2005.

Bayle, F.A parentalidade. In I. Leal (Ed.), **Psicologia da Gravidez e da Parentalidade**, Fim de Século, Lisboa, 2005.

Borillo, D. **Homofobia: História crítica de um preconceito.** Autêntica, Belo Horizonte 2010.

COSTA, R. P. **O amor homossexual.** In: COSTA, M. (coord.) Amor e sexualidade. A Resolução dos preconceitos. Gente, São Paulo, 1994.

DUARTE, L. F. D. & CARVALHO, E. N. **Religião e psicanálise no Brasil contemporâneo: novas e velhas Weltanschauungen.** Revista de Antropologia, 2005.

JONES, E. **Vida e obra de Sigmund Freud.** 3. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

CARTER D. **Comprehensive sex education for teens is more effective than abstinence.** 15. Ed. Am J Nurs. 2012.

MACEDO, E. **Somos todos filhos de Deus?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Unipro, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal. (1988).

FREUD, S. *Studienausgabe*, S. Fischer Verlag, Frankfurt, 1972.

FREUD, S. **Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie**, v. 5 1905.

FREUD, S. (1917 [1915]). **Luto e Melancolia.** In: FREUD, Sigmund. Obras Completas. v. 14. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

LAPLANCHE J. & PONTALIS, J.B **Vocabulário de psicanálise**, Paris, Presses Universitaires de France, 1967.

LEVINSKY, D. **Adolescência: reflexões psicanalíticas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LOURO. G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da Sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000

MADUREIRA, A. F. A. e BRANCO, Identidades sexuais não hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 n. Brasília, 2007.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. Arte & Ciência, São Paulo, 2004.

MORGAN E M, THORNE A, ZURBRIGGEN E. L. Dev Psychol. **Um estudo longitudinal de conversas com os pais sobre sexo e namoro durante a faculdade**. USA, 2010

MOTT, L. Direitos humanos e cidadania homossexual no Brasil: porque os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? In: JUNIOR, J. G. S. et al. **Educando para os Direitos Humanos: pautas pedagógicas para cidadania na universidade**. Porto Alegre: Síntese, 2004.

MORGADO, L. V., ANDRADE, L. C., SANTOS, A. & NAREZI, J. **Ciclo vital da família: A comunicação entre pais e filhos na fase adolescente**. III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento. Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social. São Paulo, 2014.

PHANEUF M. **Comunicação, entrevista, relação de ajuda e validação**. Loures: Lusociência; 2005.

PRETO, N. G. Transformações do sistema familiar na adolescência. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Artmed, Porto Alegre, 1995.

SANTOS, I. B. **Principais diferenças entre o casamento, a união estável e a união homoafetiva**. Macapá: 2011.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homoafetividade não diz respeito apenas ao que compõe a escolha de feminino e/ou masculino. A sexualidade trata-se de um dispositivo histórico que corresponde a uma auto-reprodução da singularidade que cada indivíduo carrega. Tratar desse tema voltado para pais e filhas, tem como objetivo, observar o quão grande é o preconceito dentro do próprio seio familiar, quando algum membro toma frente e tenta dar voz ao seu desejo: algo inesperado para os pais que não querem tornar visível o que existe em seu interior. Também ficam demonstradas as dificuldades encontradas no diálogo com pessoas da própria família, que não encontraram o amparo necessário em um momento de conflito. Uma vez que sua demanda deve seguir as regras propostas pela sociedade.

Conclui-se que é fundamental um trabalho ampliado envolvendo profissionais de várias áreas, incluindo atendimento psicológico, para que tenham discernimento, conhecimento e ética em se tratando de cuidar de familiares e mulheres homoafetivas. A informação é sempre grande aliada quando se trata do desconhecido, e observou-se que para muitos pais a questão da homoafetividade é um tabu, e por isso é tratado de forma rígida e preconceituosa. Para pessoas que não tem o devido reconhecimento apenas por ter uma orientação sexual que foge a regras impostas pela sociedade, cabe lutar pelos seus direitos, e igualdade para que sejam garantidos e reconhecidos.

Contudo, fica bastante clara tal necessidade de aumentar a discussão sobre o papel exercido pelos pais nesse processo de vivência da homoafetividade, já que há grande preconceito ligado à homoafetividade por parte dos familiares. Com o estudo detectou-se que as entrevistadas estavam, de forma geral, satisfeitas com seu relacionamento homoafetivo, tendo em vista que a maioria estava com uma parceira. Quanto à descoberta pelos pais, todas as falas das participantes, referem ter havido repulsa inicialmente, mas houve grande melhora dessa postura perante o passar do tempo, ora aceitando, ora deixando os conflitos de lado. Em alguns casos, os pais ainda persistiam em negar a situação até o momento da realização do estudo, sentimentos das participantes se confundem de acordo com a aceitação ou desaprovação vinda da família.

Com o estudo foi possível perceber que a questão da homoafetividade necessita de mais atenção, como orientação psicossociais, criação de programas que ofereçam suporte a essa

parcela populacional, tanto para pais quanto para as filhas, por se tratar de um assunto que, como se pode confirmar, gera conflitos que por sua vez geram angustia e sofrimento em ambas partes. Com isso, mulheres que se auto afirmam homoafetivas poderiam experienciar uma vivencia mais tranquila no que se refere a sua afetividade e sexualidade como um todo.

Contudo, se tratando de um tema atual, pouco se fala a respeito, o estudo proposto não pretende esgotar o assunto, abrindo margem para novas pesquisas à respeito do assunto, que pode ser abordado em diversas áreas, como sociológica, jurídica podendo ser mais aprofundada ainda dentro da psicologia.

5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. M.; FACCHINI, R. Rede Feminista de Saúde. **O dossiê saúde das mulheres lésbicas: promoção da equidade e da integralidade.** 2005.

BRANDÃO, E. R. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Família e sexualidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CARTER D. **Comprehensive sex education for teens is more effective than abstinence.** 15. Ed. Am J Nurs. 2012.

CAVALCANTE R. B. **Considerações Gerais:** Relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Inf. & Soc.:Est.*, v.24, n.1, p. 13-18, João Pessoa, 2014

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO - 6a Região. **Fique de olho: Diversidade sexual.** 2012.

DIAS, M. B. **Conversando Sobre Homoafetividade.** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. Atlas, São Paulo, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal. (1988).

FREUD, S. *Studienausgabe*, S. Fischer Verlag, Frankfurt, 1972.

FREUD, S. **Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie**, v. 5 1905.

FREUD, S. (1917 [1915]). **Luto e Melancolia.** In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas.* v. 14. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Obras completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. VII (ed. or.: 1905), 1905.

FREUD, S. (1976). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em Edição Standard Brasileira das **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 6, pp. 115-230). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

FREUD, S. (1917 [1915]). **Luto e Melancolia.** In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas.* v. 14. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

FREUD, S. **Totem e tabu** In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIII. Imago, Rio de Janeiro 1974

HAUER, M., GUIMARÃES, R. S. Mães, Filh@s e Homossexualidade: Narrativas de Aceitação. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: IBGE Cidades, 2017. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/patrocínio/pesquisa/33/29171>> Acesso 07/06/2018.

JONES, E. **Vida e obra de Sigmund Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LAPLANCHE J. & PONTALIS, J.B **Vocabulário de psicanálise**, Paris, Presses Universitaires de France, 1967.

LEVINSKY, D. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LOURO. G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

LEVINSKY, D. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MACEDO, E. **Somos todos filhos de Deus?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Unipro, 2007.

MADUREIRA, A. F. A. & BRANCO, Identidades sexuais não hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 n. Brasília, 2007.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. Arte & Ciência, São Paulo, 2004.

MORGAN E M, THORNE A, ZURBRIGGEN E. L. *Dev Psychol*. **Um estudo longitudinal de conversas com os pais sobre sexo e namoro durante a faculdade**. USA, 2010

MOTT, L. Direitos humanos e cidadania homossexual no Brasil: porque os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? In: JUNIOR, J. G. S. et al. **Educando para os Direitos Humanos: pautas pedagógicas para cidadania na universidade**. Porto Alegre: Síntese, 2004.

MORGADO, L. V., ANDRADE, L. C., SANTOS, A. e NAREZI, J. **Ciclo vital da família: A comunicação entre pais e filhos na fase adolescente**. III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento. Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social. São Paulo, 2014.

PHANEUF M. **Comunicação, entrevista, relação de ajuda e validação**. Loures: Lusociência; 2005.

PRETO, N. G. Transformações do sistema familiar na adolescência. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

SANTOS, I. B. **Principais diferenças entre o casamento, a união estável e a união homoafetiva**. Macapá: 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista semiestruturada

Idade:

Escolaridade:

Estado civil:

Religião:

1. Para você o que é homoafetividade?
2. Quando a homoafetividade surgiu em sua vida?
3. Quais sentimentos acompanharam sua descoberta da homoafetividade
4. Como foi a revelação da homoafetividade para sua família?
5. Houve diferenças de aceitação entre seus entes familiares? Quais?
6. Após esta revelação, houve distanciamento entre você e sua família?
7. Em casos de distanciamento após a revelação, o que você pensa que pode ou poderia evitar tal afastamento?
8. Como você imagina sua vida daqui a dez anos, com relação a sua homoafetividade?
9. Gostaria de acrescentar mais alguma informação que acha pertinente?

APENDICE – B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES MAIORES DE 18 ANOS

Eu, Rafaela Aparecida Silva, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, convido-o(a) a participar de pesquisa sobre os desafios e consequências do processo de revelação da homoafetividade feminina, no contexto familiar, com objetivo de verificar se revelar a homoafetividade acarreta um distanciamento entre pais e filhas, verificar se a existência prévia de uma relação familiar dialógica, facilita o processo de revelação de orientação homoafetiva em filhas mulheres além de analisar a percepção das filhas na relação entre revelação da homoafetividade sexualidade do indivíduo adulto.

A sua participação é voluntária, sendo sua colaboração muito importante para o andamento da pesquisa, que consiste na realização de uma entrevista semiestruturada, conforme agendamento prévio de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Serão assegurados a você o anonimato, o sigilo das informações, a privacidade e todas as condições que lhe garantam a proteção à dignidade constitucionalmente assegurada. A utilização dos resultados da pesquisa será exclusiva para fins técnico-científicos. Os riscos na participação serão minimizados mediante a atuação do pesquisador pela atenção e zelo no desenvolvimento dos trabalhos em assegurar ambiente seguro, confortável e de privacidade, evitando desconforto e constrangimento. Por outro lado, se você concordar em participar na pesquisa estará contribuindo para o desenvolvimento da ciência nesta área. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade será assegurada e mantida em absoluto sigilo. Caso concorde em participar, em qualquer momento você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como desistir dela e não permitir a utilização de seus dados, sem prejuízo para você. Você não terá nenhum tipo de despesa e não receberá nenhuma gratificação pela participação na pesquisa.

Consentimento:

Declaro ter recebido de Rafaela Aparecida Silva, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, as orientações sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização das informações que forneci somente para fins científicos, sendo que meu nome será mantido em sigilo. Aceito participar da pesquisa por meio da realização de uma entrevista semiestruturada, bem como permito a utilização dos dados originados da mesma. Estou ciente de que poderei ser exposto(a) a riscos de constrangimentos associados ao meio aceite do convite, e que poderei, a qualquer momento, interromper a minha participação, sem nenhum prejuízo pessoal. Fui informado(a) que não terei nenhum tipo de despesa nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela minha participação. Declaro que minhas dúvidas foram esclarecidas suficientemente e concordo em participar voluntariamente das atividades da pesquisa.

Assinatura do(a) participante(a): _____

Data: ____/____/____.



Pesquisadora: Rafaela Aparecida Silva

Rua Carlos Pereira Carlinhos, 602, Bairro Santa Terezinha – Patrocínio - MG

Assinatura: _____

Data: ____/____/____.

Impressão de polegar
caso não assine

Orientadora: Tereza Helena Cardoso

Rua : Rua Marechal Floriano, 378 – Bairro Centro

Assinatura: _____ Data: ____/____/____.

Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP: Fone: (34) 3839-3737 ou 0800-942-3737

Av. Liria Terezinha Lassi Capuano, 466, Campus Universitário - Patrocínio – MG, CEP: 38740.000

ANEXO

ANEXO A – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do COEP/UNICERP



COEP – Comitê De Ética Em Pesquisa – UNICERP
 Protocolo de encaminhamento de Projeto de Pesquisa para o Comitê de
 Ética em Pesquisa com seres humanos

1. PROJETO DE PESQUISA

Nº PROTOCOLO: 201814SDPS1021

1.1. TÍTULO DO PROJETO

Desafios e consequências do processo de revelação da homoafetividade feminina no contexto familiar

1.2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome: Tereza Helena Cardoso

RG: M-2252531

CPF: 431.220.006-87

Endereço: Rua Marechal Floriano, 378 – Bairro Centro

Telefone: 34 3831 2513

Celular: 34 9 88481952

E-mail: terezacardoso@unicerp.edu.br

1.3. INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL

Centro Universitário do Cerrado Patrocínio - UNICERP

1.4. PROJETO DE PESQUISA

Recebido no COEP/UNICERP em: 15/06/2018

Para o relator em: 20/06/2018

Parecer avaliado em reunião de: 02/07/2018

Aprovado: 02/07/2018

Diligência/pendências: ___/___/___

Não aprovado: ___/___/___


 Prof. Me. Angela M. Drumond Lage
 COEP-UNICERP
 Diretor(a) do COEP/UNICERP